

**ESPAÇO VIVIDO E IDENTIDADE REGIONAL:  
UM OLHAR SOBRE O LESTE E O OESTE DO RECÔNCAVO BAIANO**

**RESUMO**

Apoiado nas entrevistas com os sambadores, verificamos a influência do espaço vivido no desenvolvimento de uma afeição regional e no fortalecimento das imagens regionais. Dessa maneira, o Recôncavo emerge como representação, que, por sua vez, é definida e mediada pelas manifestações culturais. Mas nem todo o Recôncavo se apresenta assim. Dividimos o Recôncavo em leste e oeste; no leste, o samba se mostra mais fortalecido; já no oeste, muito enfraquecido. Assim, buscamos investigar a influência do espaço vivido no sentimento topofílico regional, pois é a abrangência e a manutenção desse vivido que dá cara e cor ao Recôncavo por parte dos sambadores do leste. Em contraste, no oeste, a escala reduzida do espaço vivido tem por consequência a não identificação do Recôncavo com suas imagens regionais tão aclamadas no leste (a negritude afro-brasileira e suas manifestações).

**Palavras-chave:** Região do Recôncavo; samba de roda; espaço vivido; representação regional.

**ABSTRACT**

Based on the *sambadores* interviews, we verified the influence of the lived space in the development of a regional affection and the fortification of the regional image. In that sense, the *Recôncavo* region rises as representation, which is defined and mediated by cultural events. This presentation isn't the same for all *Recôncavo*, though. We divided the region into east and west; at the east, *samba* shows itself powerfully; at the west, atrophied. With that, we decided to investigate the influence of the lived space in the feeling of regional affection, because is the coverage and the maintaining of that way of living that gives face and color to the *Recôncavo* region, thanks to the east *sambadores*. In contrast to that, in the west, the reduced scale of the lived space has as consequence the lack of identification of the *Recôncavo* with its regional images so celebrated in the east (the afro-brazilian blackness and its events).

**Keywords:** *Recôncavo* region, *samba de roda*; lived space; regional representation.

**RESUMEN**

Basándose en entrevistas con los artistas *sambadores*, verificamos la influencia del espacio vivido en el desarrollo de una ligación afectiva regional y en el fortalecimiento de las imágenes regionales. Así, el *Recôncavo* surge como representación, que, a su vez, es definida y mediada por las manifestaciones culturales. Pero no todo el *Recôncavo* se presenta así. Dividimos el *Recôncavo* en el este y el oeste; en el este, el samba se muestra con más energía; ya en el oeste, su manifestación es débil. Por lo tanto, buscamos investigar la influencia del espacio vivido en el sentimiento topofílico regional, ya que es el alcance y el mantenimiento de esa experiencia vivida que le da cara y color al *Recôncavo* por parte de los *sambadores* del este. Por el contrario, en el oeste, la escala reducida del espacio vivido conduce a la falta de identificación con el *Recôncavo*, con sus imágenes regionales tan aclamadas en el este (la negritud afro-brasileña y sus manifestaciones).

**Palabras-clave:** Región del *Recôncavo*; samba de roda; espacio vivido; representación regional.

**Caê Garcia Carvalho,**  
mestrando, POSGEO-UFBA  
e-mail: [cae\\_garcia@hotmail.com](mailto:cae_garcia@hotmail.com)

**Renata Oliveira Silva,**  
graduanda em Geografia (UFBA),  
Bolsista Iniciação Científica (FAPESB)  
e-mail: [re.natinha.oliveira@hotmail.com](mailto:re.natinha.oliveira@hotmail.com)

**Angelo Serpa,**  
professor titular  
UFBA, pesquisador CNPq  
e-mail: [angeloserpa@hotmail.com](mailto:angeloserpa@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

Este artigo fecha as pesquisas iniciadas há cerca de dois anos com a temática regional e do samba de roda, orientados pelo professor Dr. Angelo Serpa. Neste novo artigo buscamos explicitar a vinculação entre espaço vivido e o sentimento de pertença regional no leste e no oeste do Recôncavo baiano.

Para tanto é preciso realizar algumas considerações que trouxemos em outras publicações. Como contexto, temos a regionalização do estado da Bahia dividida em vinte e sete Territórios de Identidade, dentre estes, o Recôncavo.

A vinculação entre região e políticas públicas é ressaltada por Haesbaert (2010), tratando a região como *artefato*. A arte se pauta pelo construto teórico que permita elencar a regionalização, enquanto o fato seria sua evidência empírica.

Na regionalização do governo, a sua arte se guia pelas relações socioculturais de seus habitantes com suas regiões, principiadas por fatores de identidade. O fato seria justamente a evidência empírica que substancia, diferencia e particulariza os Territórios de Identidade.

No entanto, a regionalização do governo baiano falha em sua arte, pelo menos para o caso do Recôncavo. Pois a premissa original de se apoiar nas relações socioculturais se mostrou inconsistente, já que predominou, na verdade, uma “sobreposição de mapas”, uma mera busca empírica sem qualquer aporte teórico:

De 2003, para cá, houve esse processo de revelação dos territórios. Houve a sobreposição de 16 mapas para dar um desenho a isso, ajustado nessas consultas públicas’ [depoimento de Ivan Fontes que trabalhou no processo de regionalização desde 2003, quando eram ainda apenas Territórios Rurais] (SERPA; BORGES; ARAÚJO; MONTEIRO, 2011, p.7).

Desse modo, em nossas pesquisas, tivemos que procurar um substrato que sustentasse e permitisse compreender essas relações socioculturais. E partimos, então, da região enquanto espaço vivido, pois é a construção e manutenção desse mesmo espaço que fecunda uma identidade ao Recôncavo.

## SAMBA DE RODA: UM SÍMBOLO REGIONAL

Na introdução demos pistas de nosso entendimento da região a partir do espaço vivido e das relações identitárias. Contudo, elencamos agora que a região aparece no par representação e estrutura (FRÉMONT, 1980). A região comporta uma série de fatores que vão do político ao social, cultural etc., que se coadunam numa estrutura. Por outro lado, a região se apresenta num nível representacional; trata-se das imagens regionais construídas pela população local em dialética com o olhar externo (enfocaremos essa problemática adiante). Mais uma vez ressaltamos a validade do nosso construto teórico partindo da região fundamentada no e pelo espaço vivido, pois ele se forma, se constrói, se baliza a partir da própria estrutura regional, como é também através dele que as representações regionais portadoras do sentido de identidade são originadas, mantidas, alteradas.

Tal abordagem nos permitiu qualificar o samba de roda como símbolo regional, pois, sobretudo a um nível representacional - que acreditamos ter um peso até maior na definição da região (para o nosso caso) -, o samba de roda aparece como norteador de uma identidade negra, numa sintonia com o candomblé e a capoeira. Na fala do Mestre

Geninho percebemos de maneira clara a definição do Recôncavo como berço da cultura negra, amalgamadas pelo samba de roda<sup>1</sup>:

“desde pequeno, quando eu me entendi, eu venho do candomblé, samba de roda e capoeira. Eu me criei nessas três modalidades que eu considero cultura” (Geninho, mestre do grupo Filhos do Varre Estrada, São Félix, entrevista realizada em 03/09/2012).

Tornam-se mais fortes as palavras do Mestre quando temos em mente que perguntamos o que *é* e o que *significa* o Recôncavo. Dessa citação, evidenciam-se as imagens regionais que definem tal região, bem como a importância dessas manifestações culturais no espaço vivido dos sambadores e sambadeiras que terminam por retroalimentar estas mesmas imagens enquanto símbolo regional.

A história do samba e dos sambadores, apesar de bela, possui momentos trágicos. Não é o momento de esmiuçarmos a epopeia do samba até os dias de hoje e, suprimindo muito da História, tínhamos no início uma manifestação cultural que era tida como selvagem e proibida numa sociedade elitista, branca, que condenava de modo feroz tudo o que viesse do negro. Entretanto o samba de roda passa em 1970 a ser elemento de identificação das cidades (NUNES, 2002). Isso se deu quando os sambadores, que antes se encontravam de maneira avulsa, começaram a constituir grupos e podemos dizer que é a partir daí que a representação do Recôncavo, mediada por suas imagens, sustentadas por manifestações tipicamente negras, foi ganhando sistematização.

Um ponto que sempre causou dúvidas desde o início de nossa pesquisa foi entender como essa manifestação, antes considerada “selvagem”, era agora símbolo regional. As palavras de Nunes (2002) não concluem a questão de como o samba de roda se tornou símbolo regional, pois em nossas pesquisas constatamos uma total desvalorização do samba pela própria população. Exemplo bizarro<sup>2</sup> dessa turbulência é o caso da turma de vinte alunos que foi ensinada a tocar o violão através do samba de roda, mas, desse total, apenas um se interessou pelo mesmo após o curso. Os demais aprenderam, pegaram sua viola e migraram para outros ritmos. Nesse contexto, nos perguntamos se o samba sempre foi desvalorizado ao longo de sua história ou se houve uma decadência em relação a sua prática a partir dos anos 1970 até a sua Patrimonialização.

É notório que a situação do samba de roda enfrenta percalços, mas, em comparação com décadas anteriores, o presente é muito mais estimulante. No ano de 2006 o samba de roda é proclamado Patrimônio Cultural e Imaterial da Humanidade, título concedido pela UNESCO (mais um fator – e muito poderoso – que qualifica o Recôncavo por suas imagens). Assim, ocorre uma redescoberta por parte dos sambadores e sambadeiras do valor de sua manifestação cultural e percebemos isso até na nomenclatura, pois apenas aos capoeiristas cabia a denominação de Mestre, passando também a designar os agentes do samba.

Para quem interessar a análise dos efeitos da Patrimonialização sobre o samba de roda, destacam-se os trabalhos de Sandroni (2010) e Carmo (2009). Antes de trazermos em tela os efeitos mais impactantes da Patrimonialização sobre a questão indenitária, um parêntese é necessário. O samba de roda, a despeito da indiferença local, mantém-se como uma imagem e definidor de uma identidade regional porque não é

<sup>1</sup> Destacamos o samba de roda como norteador de uma cultura negra, pois está presente no candomblé (do qual muitos grupos se originaram) e na capoeira, acompanhando esses dois segmentos.

<sup>2</sup> Relato contado por Mário, Mestre do grupo Filhos de Nagô.

apenas o olhar interno que atua nesse jogo. Nesse sentido, a visão externa que sempre tomou o Recôncavo à imagem e semelhança das manifestações da cultura negra, em especial do samba de roda, também contribui para que o próprio samba continue a representar esse elo de identidade do Recôncavo.

Com a Patrimonialização todo um aparato é criado pelo Governo Federal através do IPHAN para resgatar e fortalecer essa cultura. Com esse aporte, o samba de roda adentra no circuito de apresentações que acontecem pelo país e dentro do próprio Recôncavo; há mais incentivo para a formação de novos grupos (hoje já ultrapassa o número de cento e cinquenta, quando antes, talvez, não chegássemos nem a dez grupos efetivamente existentes); sambadores tornam-se agora professores dos principais instrumentos do samba para que os jovens também possam se apaixonar por esse estilo musical. Toda essa política alimenta o samba de roda e intensifica seu papel de símbolo, de representação, do próprio Recôncavo.

Nesse processo vão se criando redes através das dinâmicas de apresentações que são promovidas tanto pela Associação dos Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia (ASSEBA) como pelos agentes do samba. É nas redes estabelecidas pela prática do samba que nossa análise repousará, tendo em vista que são estas redes que possibilitam o Recôncavo ser um espaço vivido. Mas isso ocorre em todo o Recôncavo? São distintas as redes no leste e no oeste, com impactos profundos no sentimento topofílico regional e nas imagens cunhadas para representar o Recôncavo.

### CONCEITUANDO ESPAÇO VIVIDO E REDES

Nosso entendimento acerca de espaço vivido se pauta a partir das ideias de Frémont (1980) e Lefebvre (2006). Para ambos, tal vivido participa da promoção da felicidade. Do espaço social, entendido como uma trama das relações entre os homens e o espaço, desse espaço que se espraia por todo tecido urbano - os locais de lazer, trabalho, estudo, das relações de parentesco - o vivido pode emergir e tinge com novas cores o espaço de tais agentes. A abordagem de Lefebvre relaciona espaço vivido e espaço concebido<sup>3</sup>. Em oposição ao concebido, entendido como espaço do modo de produção, capitalista, que tem como foco a ornamentação espacial e até da própria subjetividade dos sujeitos, o espaço vivido surge como detentor de uma história arraigada a um grupo que vive e alimenta essa mesma história, que se desenrola e se desenvolve no espaço, por isso o seu caráter topofílico. Além de lugar da paixão, é também espaço da ação que, no nosso caso, ganha a forma de redes.

Sobre redes, está claro que não participamos de uma única e exclusiva rede, mas que estamos imersos em várias redes (VILLASANTE, 1996). No espaço concebido, imperam as redes estratégicas que lançam sua teia sobre o espaço e sobre as relações sociais (SCHERER-WARREN, 1994). Contudo, da mesma forma que o espaço vivido se opõe ao concebido, outras redes são construídas no mundo da vida, do cotidiano, que trazem um sentido que nega a lógica produtivista:

Melucci introduz a ideia de rede enquanto uma área de movimento, formada por pequenos grupos e indivíduos que compartilham de uma identidade

<sup>3</sup> Há ainda um terceiro termo que compõe a tríade Lefebvriana: o espaço percebido. Em síntese deste referencial, dizemos com Shmid que o espaço possui um componente perceptivo ligado aos sujeitos e “essa percepção constitui um componente integral de toda prática social. Ela compreende tudo que se apresenta aos sentidos; não somente a visão, mas a audição, o olfato, o tato e o paladar. Esse aspecto sensualmente perceptivo do espaço relaciona-se diretamente com a materialidade dos ‘elementos’ que constituem o ‘espaço’” (SHMID, 2012, p. 103).

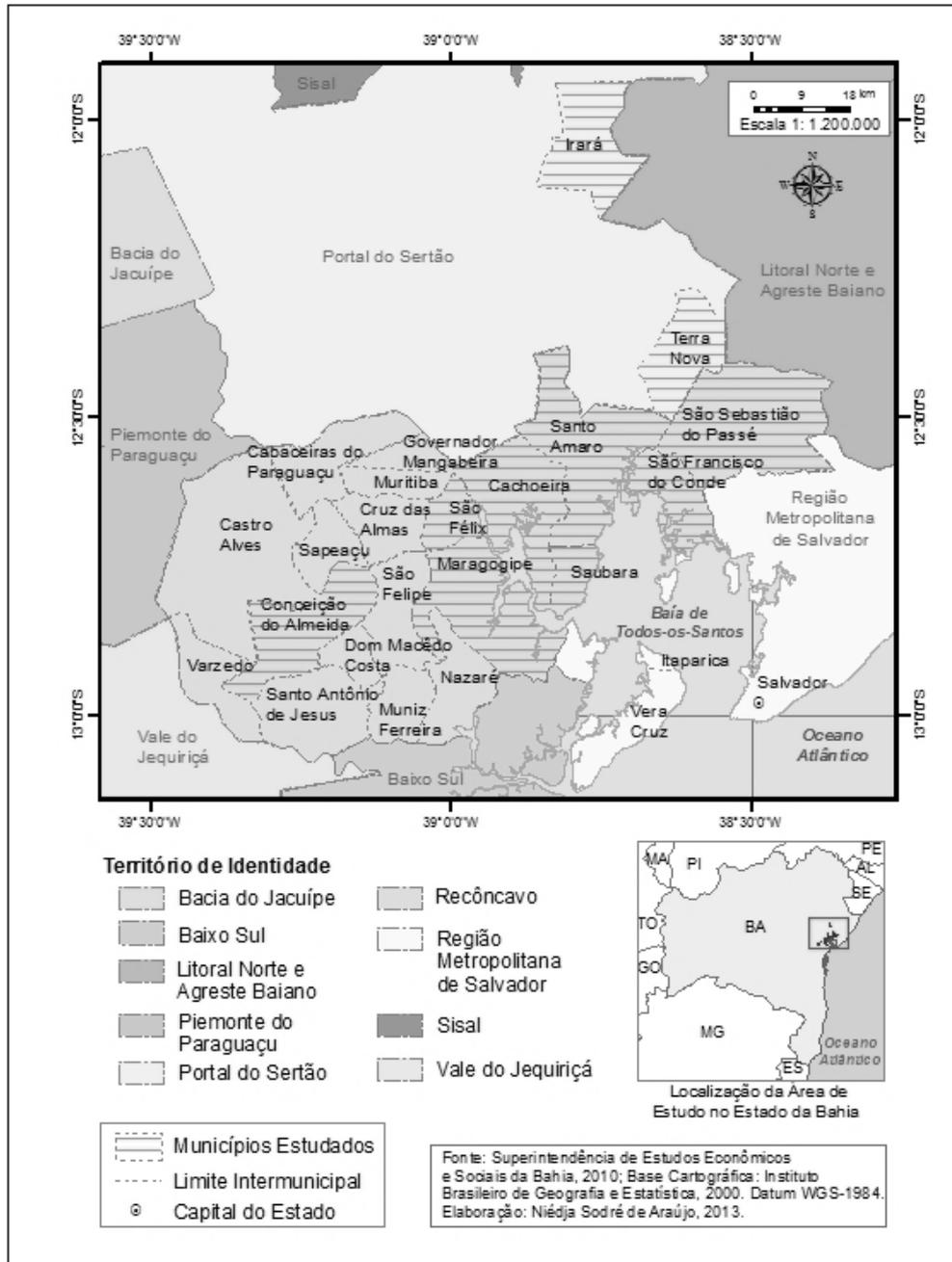
coletiva e de uma cultura de movimento, comportam mensagens simbólicas que desafiam os padrões dominantes, propondo inovações culturais. Redes submersas, baseadas em códigos culturais e solidariedades construídas no cotidiano, podem tornar-se redes com visibilidade (articulações políticas) quando pequenos grupos se mobilizam para interferir nas políticas públicas. (SCHERER-WARREN, 1994, p. 169)

Em nossas pesquisas constatamos que distintas redes são criadas e mantidas no leste e no oeste do Recôncavo e essa diferenciação influencia tanto no espaço vivido dos sambadores e sambadeiras como na representação regional desse mesmo Recôncavo.

### LESTE – OESTE

Dividimos grosseiramente o Recôncavo nessas duas porções e segue abaixo o nosso mapa. Nessa delimitação, Cruz das Almas é o município limite do leste do Recôncavo e é o único que, a despeito da ausência de grupos cadastrados na ASSEBA, incluímos no leste por termos encontrado alguns grupos de samba (sem estarem cadastrados).

Municípios com grupos de samba de roda cadastrados na ASSEBA



Três municípios que foram visitados após a elaboração do mapa não foram representados no mesmo, são estes: Amélia Rodrigues, Antônio Cardoso e Teodoro Sampaio, todos pertencentes ao Território de Identidade do Portal do Sertão.

Começemos pelo leste do Recôncavo e analisemos a disposição das quatorze Casas do Samba<sup>4</sup>. A grande maioria está situada neste recorte, sendo de Santo Amaro a Casa principal e que atua como ponto articulador dos grupos de samba de roda, inclusive daqueles situados fora do Recôncavo. Tal articulação política de fomento do

<sup>4</sup> As cidades nas quais estão localizadas as Casas do Samba são: Santo Amaro, Cachoeira, São Félix, Maragogipe, São Sebastião do Passé, Saubara e São Francisco do Conde – situadas no Recôncavo; Iará, Terra Nova, Teodoro Sampaio, Antônio Cardoso e Feira de Santana – pertencentes ao Território do Portal do Sertão; Salvador e Simões Filho – localizadas na Região Metropolitana de Salvador.

samba de roda através do IPHAN, por conta da Patrimonialização, já realça a exclusão de relações entre oeste e leste, bem como evidencia a força de propulsão desta última área que conta com o total de grupos cadastrados na ASSEBA (se excluirmos o Território de Identidade do Portal do Sertão e da Região Metropolitana de Salvador). No oeste havia apenas um grupo cadastrado, mas que se encontra atualmente desativado. Dessa maneira, quando são realizadas mostras do samba, estas ocorrem reiteradamente nos municípios do leste, seja pela ação da ASSEBA ou dos próprios sambadores.

Eu promovo um encontro, o nome é Encontro do Samba, que é pra fazer esse intercâmbio entre grupos: porque aí eu trago os grupos de Irará, de Berimbau, de Conceição de Jacuípe, de Teodoro Sampaio, Terra Nova, São Sebastião... e esse grupos todo (sic); você vê que é tipo um intercâmbio, e também nós quando somos convidados, né, nós estamos lá também. Aí, quer dizer que a gente faz uma troca, um intercâmbio (Joanice, Coordenadora do grupo Raízes de Acupe. Entrevista realizada em 29/09/2012).

São esses encontros que fundamentam uma identidade regional, pois, como ressalta Tuan (1980; 1983), é a partir das experiências no espaço que o dotamos de valor e transformamos este espaço “abstrato” em um lugar de referência e reconhecimento:

nós, praticamente, já percorremos quase todo o Recôncavo, porque o grupo já foi pra Vera Cruz, já foi pra Teodoro Sampaio, Terra Nova, pra São Francisco do Conde, pra São Sebastião, já foi pra Cachoeira, já foi pra Maragogipe, quer dizer, tudo isso é um Recôncavo (Joanice).

O depoimento anterior é resposta à pergunta “você sente que vive o Recôncavo?”, e é evidente o grau de subjetividade tanto na indagação quanto na colocação da entrevistada. Sabemos, porém, que não é um percorrer que transforma o espaço em um lugar, mas as relações sociais que se desenvolvem naquele chão, naquele pedaço de terra – é disso que nos fala Joanice e é por isso que Tuan alerta para a “necessidade da permanência” na transformação do espaço em lugar. Decorre desse processo a simbiose entre o significante (aquele que atribui significado) – a saber, os agentes do samba – e o representado, o Recôncavo. Assim, ao tratarmos deste espaço nos referimos também a nós mesmos e isso é de fácil percepção nas entrevistas realizadas no leste. Vale dizer que parte daí nosso entendimento sobre espaço vivido.

Nesse processo as redes assim cunhadas desempenham um papel fundamental na transmutação de uma toponímia local em uma toponímia regional, pois esse espaço vivido não diz mais respeito a uma única cidade, mas engloba um conjunto de municípios onde esse vivido – portador de uma identidade – é mantido e construído constantemente. Assim, a rede expande o espaço vivido.

**Caroline**<sup>5</sup>: E assim, por que você não participa muito dos acontecimentos ali da região de Feira de Santana? Porque também tá pertinho, né?

**César**: Geralmente, são oportunidades, porque [...] a participação nossa nos eventos é de acordo com o **conhecimento** nos lugares, porque as pessoas que eu tenho **conhecimentos** são de outros locais, entendeu? Então, até hoje eu não tive oportunidade ainda, pro lado de Feira de Santana, devido a você não ser chamado pra se apresentar em algum lugar, entendeu? É só esse motivo (Carlos César, coordenador do grupo Viola Rasgada, Terra Nova. Entrevista realizada em 28/04/2013).

<sup>5</sup> Caroline Vaz é mestranda no curso de Geografia da UFBA. No contexto em questão, a pesquisadora se debruçava sobre as questões regionais envolvidas do Território de Identidade do Portal do Sertão (VAZ; SERPA, 2015).

Na fala do sambador ele explica a razão de não participar dos eventos no Portal do Sertão e exalta o motivo principal: conhecimento. Na primeira vez em que o sambador utiliza tal palavra ele se refere ao conhecimento do lugar, evidenciando-se que o percorrer citado por Joalice não se limita a ir a um município de quando em vez, mas trata-se uma relação afetiva com o lugar. No segundo momento, o sambador menciona o vínculo estabelecido com pessoas de outras localidades, clarificando a importância da rede para o fortalecimento do samba e a criação de uma identidade regional. É notório que os dois sentidos em relação ao “conhecimento”, na fala do sambador, estão imbricados.

Antes de esmiuçarmos as redes do oeste, pontuaremos uma possível explicação para a ausência de conexão entre leste e oeste do Recôncavo. O antigo centro econômico da região, formado por Santo Amaro e Cachoeira, não possuía grande força econômica que exercesse uma polarização nos municípios do oeste, o que já nos ajuda a compreender a ausência de relações sociais entre estes espaços. Atualmente, os municípios que possuem um poderio econômico na região são Cruz das Almas – município limite que faz fronteira com o oeste – e Santo Antônio de Jesus, situado no extremo oeste da região. Acreditamos que ambos atuem como polarizadores econômicos e que essa força econômica constitua-se num limitador das relações sociais entre oeste e leste, isso porque esse campo econômico limita a circulação dos municípios do oeste à sua área de abrangência, da mesma forma que Cruz das Almas é o limiar da atração econômica entre os municípios do leste. Pensa-se que uma maior integração econômica pudesse levar, em algum momento, à criação e à intensificação das relações socioculturais entre o oeste e o leste do Recôncavo<sup>6</sup> (CARVALHO; SILVA, 2015).

Passemos ao oeste. Historicamente o samba de roda sempre foi mais forte no leste e, apesar da decadência desse ritmo musical, a Patrimonialização, como alertamos, trouxe efeitos benéficos, contudo, sem abarcar o outro lado do Recôncavo. Sem um número expressivo de grupos de samba de roda<sup>7</sup>, as trocas, o convívio, a rede no oeste não se ramifica e os municípios não se comunicam, fecham-se em si mesmos. Dessa maneira predomina a lógica linear de rede rural-urbana intramunicipal. Os encontros do samba nessa localidade se resumem, na maioria dos casos, aos meses de setembro quando acontecem os festejos de São Cosme e Damião, evidenciando uma relação estreita entre o samba de roda e o candomblé. Esta relação do samba com o candomblé também ocorre no leste, mas neste recorte o samba tem força e autonomia para emergir independentemente dos festejos da religião. Já no oeste, o samba somente ocorre por causa das festas do candomblé, como ressalta Valdimir: “aqui tem samba de roda, mas é quando tem festa de caboclo, dia 2 de julho” (Valdimir dos Santos, Nazaré. Entrevista realizada em 19/02/14).

Quais são os impactos das distintas redes sobre a representação do Recôncavo? O samba mais ou menos consolidado também influencia na representação regional?

## REPRESENTAÇÕES DO RECÔNCAVO: LESTE-OESTE

Trazemos agora um misto de análises e percepções das entrevistas. Além das palavras “cruas”, entram aqui em cena a forma como falaram nossos sujeitos, os gestos,

<sup>6</sup> Uma questão interessantíssima seria verificar se, historicamente, as duas “porções” do Recôncavo já tiveram laços mais estreitos.

<sup>7</sup> Quatro grupos ao todo: dois no município de Santo Antônio de Jesus (Grupo Umbigada Boa de Samba de Roda e Grupo de Samba de Roda da Associação de Capoeira Gamelo), um de Conceição do Almeida (Samba do Coreto) e um em Sapeaçu (Águia Branca).

o tom de voz e tudo aquilo que pudemos absorver das entrevistas. No total foram realizadas vinte e nove entrevistas com pessoas que se consideram pertencentes ao Recôncavo (incluímos aqueles que residem em municípios do Portal do Sertão segundo a regionalização do governo). Destes vinte e nove, dezoito entrevistados têm seus municípios situados no leste do Recôncavo, os demais se localizam no oeste. O aspecto que tomamos para ponderar nas falas dos sambadores e sambadeiras foi o que chamamos de “fervor” quando se referiam ao Recôncavo ao questionamos “Como você descreveria o Recôncavo? E o que ele significa pra você?”. Dos 18 localizados no leste, 16 descrevem sua região em termos topofílicos; a seguir, alguns exemplos:

O Recôncavo? Minha filha, em termo de samba...? **De tudo que o senhor puder falar do Recôncavo.** De tudo, de tudo... O que se tem no Recôncavo hoje é só a zona açucareira, né? Que nós tínhamos várias usinas aqui no Recôncavo, embora já tenha algumas fechadas, uma usina de grande porte que fabricava muito o açúcar, aonde esse pessoal trabalhou a usina hoje já está fechada, que fazia muito açúcar. **Então, quando fala do Recôncavo, o senhor se lembra dessa zona açucareira?** Justamente, era quem dava emprego ao povo, não é? **E em relação ao samba?** Foi (*sic*) eles que criaram o samba. **No Recôncavo, então, as pessoas que trabalhavam nas usinas de açúcar...** Que criaram esse samba. **Então tá relacionado o samba com os trabalhadores das usinas de açúcar?** Com certeza, com certeza, os trabalhadores da usina que criou (*sic*) o samba, esse samba. **Tudo no Recôncavo?** Tudo aqui no Recôncavo. Tem algumas pessoas, em outros municípios, mas quando vinha trabalhar na usina é que se juntava com o povo, inclusive tem municípios que tem esse tipo de samba, levado por pessoas que vinham trabalhar aqui pra as suas cidades (Gerásimo Monteiro, Amélia Rodrigues. Entrevista realizada em 25/04/2014).

Pra mim ele significa história, memória, tradição, identidade (Alva Célia, Mestra do grupo Raízes de Angola. Entrevista realizada em 01/12/2012).

Se o Recôncavo não fosse tão rico na cultura, não tinha a Bahia, porque a Bahia sobrevive do Recôncavo, culturalmente falando (Paulo, coordenador do grupo Maragogó. Entrevista realizada em 12/01/2013).

Já no oeste, apenas 3 dos 11 agentes demonstraram o mesmo sentimento e a maioria absoluta trata o Recôncavo enquanto mera extensão de área. Abaixo, novas colocações de nossos entrevistados:

**O Recôncavo evoca alguma coisa pra você? Falar de Recôncavo?** (*Valdimir balança a cabeça em negativa*) **Se alguém perguntar pra você o que é o Recôncavo? Você fala o quê?** Sem palavras (Valdimir dos Santos, Nazaré. Entrevista realizada em 19/02/14).

Recôncavo é aquilo que a gente mora, né? (Zozó. Entrevista realizada em 15/09/2013).

**Qual a sua região?** Geograficamente, eu acho que a região aqui é o quê? Recôncavo, né? (Joaninha, Mestre do Grupo Águia Branca, Sapeaçu. Entrevista realizada em 30/08/2013).

Rapaz, pra mim significa, o Recôncavo que eu falo, quando digo assim, é riqueza, é riqueza muito assim, aqui é demais, é muito, nossa região é muito rica. **E se um estrangeiro pergunta que riquezas são essas que compõem o Recôncavo?** Principalmente em marisco, em água, em raízes. **Que raízes?** Raízes é aipim, mandioca, inhame, entre outras. E também a nossa forma de cultura, nossa comida, poxa, é um negócio fora de série, a comida baiana mesmo (“Cheron”, Nazaré. Entrevista realizada em 18/02/14).

Outros inúmeros casos que atestam a nossa argumentação poderiam ser citados em diferentes e variadas entrevistas. Há o risco de não estar tão claro para o leitor o sentimento topofílico dos primeiros exemplos e a ausência de paixão nestas últimas falas. Nos deparamos aí com um desafio metodológico que dificilmente pode ser transposto somente com texto escrito de um artigo. Qual a alternativa? Em possíveis apresentações e discussões sobre este trabalho, um mecanismo de superar essa barreira seria fazer quem não participou da entrevista poder ser transportado àquele momento do diálogo entre pesquisador e entrevistado por meio da apresentação dos áudios das gravações.

Por conta disso, talvez cause estranheza ao leitor essa última citação de Cheron ter sido descartada do bloco referente aos primeiros entrevistados e tenha sido posta, justamente, no polo oposto. No entanto, as palavras de Cheron são vazias no contexto da entrevista, e essa fala aparece muito mais por não ter o que dizer do que para trazer e exaltar as “riquezas” do Recôncavo. Após essa “dica” e com um olhar mais atento, o leitor poderá identificar que Cheron está acuado pelas perguntas e nesse beco pontua as “raízes”. Entusiasmados, perguntamos quais raízes seriam estas (o entusiasmo ocorreu pelo vício das demais entrevistas, porque ao tratarem de raízes, quase a totalidade dos sambadores e sambadeiras ouvidos se referiam às manifestações culturais). A resposta – confessamos: um pouco decepcionante – foi sobre a culinária (claro que a culinária também compõe um marcador identitário) e ao longo da entrevista o Recôncavo não apareceu por suas imagens e definiu como extensão de área.

Feita a ressalva da dificuldade de operacionalizar nossos dados primários, acreditamos, contudo, que os trechos selecionados sejam significativos da relação que fizemos entre redes – com sua configuração diferenciada entre leste-oeste – e as imagens regionais. Como esperamos ter ressaltado, as redes do leste que se fundam e ao mesmo tempo são reflexos das relações interpessoais dos sambadores e sambadeiras espalhados nesta mesma área propiciam, justamente por estas relações sociais, a transmutação de uma topofilia local a uma regional. É nesse processo que as imagens regionais são tecidas e as falas de tais agentes evidenciam o Recôncavo como berço e lugar das manifestações culturais de matriz africana, amalgamadas pelo samba de roda.

Por outro lado, no oeste, a ausência de redes intermunicipais e o esfacelamento do samba de roda dificultam aos agentes experienciar o Recôncavo (ou pelo menos parte dele) em ato. Nesse sentido, é ainda mais revelador quando pensamos que dois dos entrevistados do oeste (do total de três) que trouxeram o Recôncavo num viés topofílico sejam *professores de história* e têm, portanto, ligações com a própria História, ou seja, com as manifestações culturais, a história do povo negro e da região. Trata-se de uma identidade através do conhecimento escolar-científico – também legítima – e não conformada pela experiência direta. Frisamos: as imagens regionais mediadas pelo samba de roda e pelas manifestações de matriz africana em geral dão lugar ao Recôncavo como simples extensão de área. Subtraído de suas imagens regionais, de sua representação, um espaço abstrato se transforma em Recôncavo pura e simplesmente “porque aqui é Recôncavo, né? O Recôncavo Baiano” (Luzia, sambadeira da cidade de Castro Alves. Entrevista realizada em 14/09/2013). No leste, as palavras de Valdimir – que diz não ter imagens para definir o Recôncavo – seria dificilmente encontrada (para não usarmos o vocábulo *impossível*). Se pensarmos na conceitualização de Frémont (1980) à região detentora de uma estrutura e de uma imagem, notamos que o oeste do Recôncavo comporta-se como uma “anomalia”: estrutura sem representação.

Para concluirmos, necessitamos de mais dois exemplos. Apesar de definir o Recôncavo enquanto extensão espacial – o “Recôncavo é, justamente, o lugar que fica

mais perto da praia” –, Joaquina apresenta em seu discurso um viés identitário quando perguntado sobre uma diferenciação entre o Sertão e o Recôncavo. O Mestre afirma: “eu acho que tem sim; no Recôncavo acho que já pega mais o pessoal do... candomblé, dessa arte de rainha do mar, de capoeira”. Sua fala se aproxima do discurso dos demais sambadores e sambadeiras que enxergam o Recôncavo como “marca e matriz cultural” (BERQUE, 1998) de determinadas manifestações. Contudo, essa colocação de Joaquina que poderia relativizar nossa hipótese, a nosso ver, contribui para seu fortalecimento. Partindo da fenomenologia, como já alertamos, é indispensável nos reportarmos não somente às letras frias das entrevistas transcritas: além do que é dito, devemos nos ater na análise de como esses discursos ganham forma, desvelar seus sentidos. Talvez esteja aí uma das riquezas e um dos desafios da fenomenologia, pois não é tarefa das mais simples transpor para um texto o sentido, o sentimento, dos entrevistados – ainda mais quando o que eles dizem é praticamente o oposto do sentido que a ideia ganha em outra escala, no contexto geral da pesquisa. Inclusive, sobre esse caso, devemos mencionar que essa foi a última fala de Joaquina no nosso diálogo e trouxemos, sem cortar nenhuma linha, a resposta do sambador: sucinta; direta; seca. E seca não no sentido de rispidez – o sambador se mostrou animado, cantando sempre versos de sua autoria durante toda a entrevista –, mas, digamos, de uma “pobreza emotiva”.

O último exemplo que trazemos é o da sambadeira Letícia e se trata da única exceção “genuína” (se desconsiderarmos o caso dos professores) de uma entrevista do oeste que nos reportou a um sentimento topofílico regional. Poderá notar o leitor que as palavras da sambadeira constroem veementemente com as demais citações referentes ao oeste e se aproximam, todavia, dos agentes do leste:

O Recôncavo ficou como Território 21 que tem vinte municípios, só que esses vinte municípios, eles não são idênticos: “ah tá no Território 21 todo mundo faz a mesma coisa”, não, são vinte municípios que tem até suas formas de viver, suas manifestações culturais bem distintas, mas normalmente é marcado pelo estereótipo, o fenótipo, o tipo físico do povo, é logo, como toda a Bahia, a predominância no Recôncavo do povo é negra e é um dos lugares que tem a memória mais antiga da Bahia por conta de o tráfico negreiro ter sido muito intenso aqui, as grandes fazendas de açúcar terem ficado no Recôncavo. Enfim, até o meado (sic) do século XIX a gente ainda tinha linha de trem, tinha a vapor que fazia ali aquele trajeto Maragogipe, então [...] o Recôncavo é definido por abrigar essa memória mais concentrada num espaço geográfico mais determinado, aqui dá pra achar as coisas. **E o que ele significa pra você?** Olhe, o Recôncavo, eu não nasci no Recôncavo, eu nasci no sul da Bahia, vim morar aqui ainda criança, nove, dez anos. **Que cidade você nasceu?** Eu nasci em Coaraci, região cacauera, sul da Bahia. Mas o Recôncavo ele tem, tem uma energia diferente, tem um negócio diferente que deixa a gente mais alegre, mais ativo. Realmente a gente tem que reconhecer isso, eu digo porque eu nasci numa região bem distante daqui e por conta do meu trabalho eu acabo passando em várias outras regiões da Bahia e a gente percebe que, realmente, o Recôncavo, pra mim, tem esse significado de me deixar mais perto do que me antecedeu (Letícia, Santo Antônio de Jesus. Entrevista realizada em 17/02/2014).

Se fizemos maiores explicações sobre a polaridade espaço vivido/espaço concebido, e apenas pontuamos o que seria o espaço percebido, torna-se evidente na citação da sambadeira – além d’um espaço que é também lugar – esse caráter perceptivo, sensorial, sensual, do espaço.

Aqui, o espaço vivido e o percebido se mesclam, influenciam-se mutuamente. Nesses termos, o samba de roda emerge com toda sua força e torna-se presença

(LEFEBVRE, 2006). Em ligeira síntese do pensamento sobre o tema, enquanto na ausência imperam representações destacadas da experiência dos sujeitos, na presença – que se dá em momentos – o que se passa é a “intensificação da vivência” (p. 288), na qual se buscam e se criam novos valores, novas representações reclamadas pelos sujeitos, construídas a partir de suas experiências – onde reside seu valor – e que a transcende para criar novas representações. Fino exemplo da dialética. Esta é, inclusive, uma das potencialidades da arte para transformação da sociedade e a subversão de determinados valores é posta em questão pelos agentes do samba (CARVALHO, 2014), principalmente aqueles relacionados à produção da cultura de massa, um rival poderoso para consolidação do samba de roda. Esse é outro fator que, somado à resistência de um povo, de uma cultura que sempre esteve marginalizada, permite aos sambadores e sambadeiras perceber o Recôncavo e o próprio samba de roda como “tradição” – palavra recorrente em nossas entrevistas... No leste!

Poderíamos aprofundar a discussão sobre “A presença e a ausência: contribuição a teoria das representações” e esmiuçar mais detalhadamente como e porque o samba de roda se qualifica enquanto presença, mas já fizemos essa empreitada em outras publicações aqui citadas. Por fim, resta afirmar o quão espetacular é o samba e o que ele suscita nos agentes pesquisados – “eu tenho mais de oitenta anos, com dores na perna, mas na hora do samba tudo passa (D. Dalva, Mestra do grupo Suerdick, Cachoeira. Entrevista realizada em 11/08/2012),” – e é por essa presença, mesmo com o samba desprestigiado internamente – que a representação regional do Recôncavo, suas imagens, ganham forma e conteúdo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS: GEOGRAFIA E FENOMENOLOGIA

Nosso esforço e reflexões sobre a temática regional nos conduziram à fenomenologia como método para compreender o que é o samba de roda para nossos entrevistados, o que significa para esses agentes o samba e o que significa definir a imagem do Recôncavo por suas próprias manifestações culturais.

Para realizar essa empreitada o pesquisador tem que estar atento aos “sinais” que ocorrem durante o campo e estes podem até despertar *insights* nas pesquisas. Acreditamos que as metas estabelecidas na introdução foram alcançadas e não queremos neste último item reafirmar nossos objetivos e conclusões. Buscamos apenas trazer uma ideia básica do pensamento de Merleau-Ponty que nos norteou e apontar brevemente alguns desses sutis “sinais” – mas que por isso não perdem em relevância – que marcaram o nosso trabalho.

Nosso princípio foi mergulhar no mundo vivido, aquém do mundo objetivo e é pelo primeiro “que poderemos compreender tanto o direito como os limites do mundo objetivo” e restituir aos fenômenos a “sua fisionomia concreta, aos organismos sua maneira própria de tratar o mundo, à subjetividade sua inerência histórica [...]” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 89-90). O que isso quer dizer? Voltarmos-nos às nossas primeiras percepções, nas quais nossas análises se fundamentam e são sua consequência, para captarmos o fenômeno em questão. Exemplos? Quando afirmamos a Cesar que Terra Nova pertence ao Portal do Sertão e vemos o sambador dar alguma batidas na mesa e dizer que “não! Eles podem até considerar isso, mas Terra Nova é Recôncavo”. Analisamos suas redes e como dizer o contrário? Na mesma situação temos Seu Gérasimo, residente de Amélia Rodrigues, município do Portal do Sertão, mas quando questionado onde sua cidade está localizada, ele responde com toda certeza: “no coração do Recôncavo”. O caso de Fátima é forte e ela tinha um grupo em Conceição do Almeida que estava parado e durante toda a entrevista ela segurou

apertando contra o peito o Dossiê do IPHAN à candidatura do samba de roda como Patrimônio da Humanidade, como se aquele aperto que dava no livro pudesse evitar que o samba escorresse de suas mãos e caísse no esquecimento. Como não alertar sobre a necessidade da descentralização que já é reclamada pelos agentes do oeste? (não detalhamos aqui esse assunto, pois já fizemos isso em CARVALHO; SILVA, 2015). Certamente essa foi uma das imagens mais fortes de nossa pesquisa e naquela entrevista pudemos sentir na pele o que significa o samba para os sambadores e sambadeiras. Como esquecer o acenar de cabeça em negativa de Valdimir ao pedirmos uma imagem ou palavra que definisse o Recôncavo? Se nossas entrevistas anteriores realizadas no oeste já indicavam tal ruptura entre a estrutura e a representação regional, essa “não-resposta” foi, curiosamente, a resposta mais clara possível e que terminou por sintetizar nossa reflexão sobre o oeste do Recôncavo.

Quando nos propomos a investigar o cotidiano e o vivido, a fenomenologia pode se tornar uma aliada importante da ciência geográfica. Encerramos, com essas palavras, o nosso artigo.

## REFERÊNCIAS

- BERQUE, Augustin. Paisagem – Marca, Paisagem – Matriz: Elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto L; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 84-91.
- CARMO, Raiana Alves. **A política de salvaguarda do patrimônio imaterial e os seus impactos no samba de roda do Recôncavo baiano**. Salvador-BA, 2002, 124 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Música, 2009.
- CARVALHO, Caê. **A identidade do Recôncavo: o samba de roda como símbolo regional**. Salvador, 2013. Monografia (Graduação) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Geociências, 2013.
- CARVALHO, Caê; SILVA, Renata. Samba de roda e identidade: um estudo comparativo da identidade regional mediada e catalisada pelo samba no Recôncavo e no Portal do Sertão. In: SERPA, Angelo (Org). **Territórios da Bahia: regionalização, cultura e identidade**. Salvador: Edufba, 2015. p.259-297.
- FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Alameda, 1980.
- HAESBAERT, Rogério. **Regional-Gobal: dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- LEFEBVRE, Henri . **La production de l'espace**. 4. ed. Paris: Anthropos, 2000.
- LEFEBVRE, Henri. **La presencia y La ausencia: contribución a la teoría de las representaciones**. México: FCE, 2006.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- NUNES, Erivaldo. **Cultura popular no Recôncavo Baiano: tradição e modernização no samba de roda**. Salvador-BA, 2002, 346 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras, 2002.
- SANDRONI, Carlos. Samba de roda, patrimônio imaterial da humanidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, n. 24, p. 373-388, 2010.
- SCHERER-WARREN, Ilse. Metodologia de redes no estudo das ações coletivas e movimentos sociais. In: NPGA. **Anais do VI Colóquio sobre poder local**. Salvador: UFBA, 1994.

SHMID, Christian. Teoria da produção do espaço em Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. In: **GEOUSP – espaço e tempo**, São Paulo, N°32, p. 89-109, 2012.

SERPA, Angelo; BORGES, Sérgio; ARAUJO, Henrique; MONTEIRO, Júlia. Políticas de desenvolvimento territorial e cultural: Articulação de escalas geográficas e regionalização institucional no Estado da Bahia. In: XIV Encontro Nacional da ANPUR - Quem planeja o território? Atores, arenas e estratégias, 2011, Rio de Janeiro. **Anais XIV Encontro Nacional da ANPUR**. Rio de Janeiro: ANPUR/UFRJ/UFF, 2011. p. 1-20.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

\_\_\_\_\_. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

VAZ, Caroline; SERPA, Angelo. O Território do Portal do Sertão. In: SERPA, Angelo (Org). **Territórios da Bahia: regionalização, cultura e identidade**. Salvador: Edufba, 2015. p.99-125.

VILLASANTE, Tomás. Metodologia dos conjuntos de ação. In: FISCHER, Tânia: **Gestão contemporânea**. Cidades estratégicas e organização local. RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1996.